

## Zero à esquerda

Paulo Eduardo Arantes  
São Paulo, Editora Conrad,  
2004 (Coleção Baderna)

ISABEL LOUREIRO\*

*Zero à esquerda* (que poderia ter por subtítulo “o mundo de marcha a ré”), coletânea de artigos e entrevistas de Paulo Arantes publicados de 1997 a 2003, é um livro que vem na hora certa, precisamente porque colabora na tarefa urgente de repensar a esquerda no Brasil. Em vez de ficar com as “coisas boas de sempre”, a integridade intelectual do autor o obriga a partir das “coisas novas e ruins”, bem no espírito da coleção anteriormente coordenada por ele e Iná Camargo Costa na Editora Vozes.

Um quadro resumido do novo e ruim mostra lá fora o fortalecimento do imperialismo norte-americano, aqui dentro a adoção automática do programa do capital pela esquerda no poder. Nesse sentido, os dois artigos, o que abre e o que fecha a coletânea, fazem *pendant*. O primeiro, escrito em pleno apagão da era FHC, diagnostica o fim da tradição crítica brasileira que, apelando para um processo sem sujeito, justifica o “desastre em

curso”, convertendo-se assim no seu “exato oposto conformista”. O último, publicado no começo do governo Lula, faz a crônica de um suicídio. A peça é a mesma, só mudaram os atores, ou melhor, o “ocupante de plantão”. O título auto-irônico do livro já é em si um manifesto: com ele, Paulo Arantes deixa bem claro seu distanciamento, tanto do buartismo da esquerda dogmática quanto do pragmatismo da esquerda de resultados, que, em nome de uma necessidade histórica inexorável, se ajustou gostosamente ao novo curso do capitalismo.

Leitor incansável da atual produção de esquerda, e também dos ideólogos da direita, o autor tem como objetivo desmontar a versão apologética da globalização e assim lançar os alicerces de uma Teoria Crítica à altura da presente reconfiguração do capitalismo global. A tarefa não é fácil quando o que temos pela frente é uma realidade

\* Professora aposentada do Departamento de Filosofia, UNESP/Marília.

não-linear, em transição para algo que ainda não sabemos no que vai dar, mas desconfiamos que será apenas o prolongamento piorado da barbárie atual.

Neste texto-montagem, elíptico e muitas vezes sibilino, cheio de ironias, formulações lapidares, interrogações, o autor desconcerta o leitor desavisado em busca de respostas que ainda não existem. O quadro geral do movimento do capital vai sendo composto a partir da análise de vários fenômenos políticos e culturais contemporâneos (o ajustamento do pensamento crítico brasileiro, a brasilianização do mundo, as idéias de nação e nacionalismo, a assimilação entre cultura e dinheiro, o movimento de maio de 1968, as ONGs, a política no Brasil) – todos eles atravessados pelo fio vermelho da acumulação do capital e de uma incipiente luta de classes –, que desmonta em filigrana a coreografia ideológica do mundo atual.

Os golpes à esquerda são dirigidos ao marxismo mecanicista com sua ênfase no econômico como determinante da vida social. Aliás, ironia da história, marxismo economicista e neoliberalismo, ao comungarem no ideário que tudo subjugava ao econômico, acabaram virando parentes próximos, o último pondo em prática o que no primeiro era interpretação do mundo. Mas, embora herdeiro da Teoria Crítica, Arantes também insiste que é preciso atualizar o diagnóstico do mundo administrado contemporâneo do fordismo, feito pela Escola de Frankfurt. Uma Teoria Crítica digna do nome não pode parar no

tempo, repetindo um diagnóstico que já não é capaz de dizer que horas são. É preciso reconhecer que a sociedade unidimensional da época do fordismo explodiu: “a ditadura do mercado financeiro sustentada pela retomada fraudulenta da hegemonia americana”, apoiada no “poder de emissão do dinheiro mundial lastreado pelo poder das armas”, que ameaça destruir o mundo, está longe de ser pacífica.

Quem acompanha a trajetória do autor sabe que sua obra se caracteriza por ser um exercício de *Ideologiekritik*. Levando às últimas conseqüências a crítica da ideologia dos frankfurtianos, Adorno à frente, Arantes insiste em boa parte dos textos que as mudanças no capitalismo do século XX levaram ao questionamento da crítica marxista da civilização burguesa, segundo a qual havia um fosso entre os ideais universais da cultura burguesa e a sua real efetivação. A ideologia era falsa por ser promessa não cumprida. Assim, a crítica da ideologia, ao mostrar que a realidade não correspondia ao seu conceito, implicava necessariamente realizar na prática, por meio de uma refundação revolucionária da realidade, os ideais abstratos do liberalismo burguês. À *Ideologiekritik* clássica subjazem uma concepção otimista da história e uma fé ingênua no desenvolvimento das forças produtivas como mola propulsora do fim da escassez e, por conseguinte, da emancipação humana – todo um ideário que desmorona no decorrer do século XX.

Isso exige, por sua vez, a renovação da crítica da ideologia, que Paulo Arantes herda de Roberto Schwarz. Em sua análise da obra de Machado de Assis, Schwarz revela de que modo a crítica da ideologia por aqui funcionava de maneira diferente, e a razão pela qual isso acontecia “estava no fato de que a experiência periférica da coexistência sistêmica de capitalismo e escravidão falseava a própria vigência dos padrões civilizatórios da idade liberal burguesa”. Segundo Schwarz, Machado de Assis nos permite entender que a civilização burguesa estava contaminada desde a origem. Graças ao formalismo da troca de equivalentes, ela podia conviver com todo tipo de barbaridade, desde a escravidão, passando pelo nazismo, para acabar hoje na violência econômica, política e cultural do imperialismo norte-americano.

Em outros termos, o desenvolvimento do capitalismo no século XX pôs a nu a “simbiose entre forças produtivas, servidão e extinção”, o que os frankfurtianos denunciaram em seu diagnóstico do mundo administrado e sem oposição, e que a intelectualidade acadêmica brasileira, predominantemente desenvolvimentista, não levou a sério até recentemente. Esse mundo da era fordista e do crescimento econômico, em que sobravam migalhas para a periferia, foi liquidado a partir dos anos 1970. E com ele acabou também a ilusão do desenvolvimento. Com o aprofundamento da gigantesca desigualdade da economia mundial, renas-

ce a exibição cínica do poder, como nunca se viu desde o período entre as duas guerras mundiais. Só que pior, porque as novas oligarquias imperiais não enfrentam mais a oposição da classe trabalhadora, e a própria esquerda dos partidos políticos contribui para fortalecê-las.

É como se estivesse em curso uma mutação gênica, como se uma parte da humanidade já pertencesse a uma nova espécie zoológica adaptada à acumulação “flexível”. As palavras perderam o sentido: “destruição social virou sinônimo progressista de ‘reforma’”; valores universais como igualdade, justiça, solidariedade viraram invenção de perdedores ressentidos, que recusam teimosamente os “benefícios” da modernização em nome de direitos adquiridos “corporativos”, vistos como “privilegiados” contra os “excluídos”; os desempregados (mal inevitável decorrente das inovações tecnológicas) são responsáveis pela sua condição, por não serem eficientes e competitivos; ONGs (que substituem um Estado desmantelado) aparecem como solução democrática da pobreza; o apelo (“ético”) ao trabalho voluntário (num mundo de desemprego) mantém ocupados inempregáveis e senhoras de bom coração; defesa da cultura como inclusão dos deixados-por-conta e, se não funciona, as prisões estão aí para reinserir socialmente os recalcitrantes – a gigantesca população carcerária nos Estados Unidos que o diga; e *last but not least*, a imposição do modelo de desenvolvimento industrial

predador e excludente aos países pobres, aceita de bom grado pelas elites periféricas como modernização.

Neste ponto, num dos ensaios mais instigantes do livro (“A fratura brasileira do mundo”), o autor registra que entramos no terreno das compensações. Depois de aniquiladas as veleidades de o Brasil ser um dia o país do futuro (tendo por modelo, é claro, os países ocidentais industrializados), podemos hoje nos vangloriar de ter invertido os papéis e de estar na vanguarda, só que da desintegração. Por assim dizer, antecipamos o modelo de funcionamento do mundo atual: uma sociedade altamente polarizada, assentada em desigualdades de toda ordem, no trabalho informal (precário-flexível), na delinqüência financeira da burguesia, na insegurança econômica extrema.

Este o mundo de ponta-cabeça aparentemente sem saída que o autor descreve. Mas o leitor atento verá que, para além do diagnóstico da reconfiguração do capitalismo global, a crítica é feita da perspectiva de que existe vida para além do mercado. Dado esse diagnóstico, cabe a pergunta: será que ainda faz sentido falar em socialismo, revolução e utopia? O autor acredita que sim, para a salvação do planeta e da espécie. O mote “socialismo ou barbárie” nunca fez tanto sentido quanto hoje. Mas diferentemente de boa parte do século XX, não se acredita que haja garantia de um final feliz para a guerra social em curso, poderá ser a barbárie, tudo depende do desfecho das lutas so-

ciais. Entre elas, a do MST pela reforma agrária, que, numa época de privatização e mercantilização aceleradas de todas as dimensões da vida, Arantes, com razão, vê como “muito mais do que mera posse da terra”. Trata-se, na verdade, neste fim de linha civilizacional, de uma luta pela retomada dos bens públicos.

Ou seja, a saída ainda é o socialismo. Afinal, aprendemos após a sua derrocada que ele funcionava, na boa fórmula de Robert Kurz, como uma “espécie de filtro moral sem o qual a civilização moderna revela-se totalmente incapaz de existir”. No entanto, é preciso repensar a idéia clássica de socialismo: este não resultará do “desdobramento linear do desenvolvimento capitalista das forças produtivas”, que por uma “espécie de milagre dialético” inverteria a propriedade estatal-proletária dos meios de produção e aboliria o proletariado como classe e o Estado como Estado. Os socialistas do século XXI não acreditam mais nesse tipo de mágica. Algumas indicações do que se pode pensar hoje como germes de socialismo em gestação na própria sociedade capitalista são dadas pelos movimentos sociais em sua luta pela desmercantilização da vida. É pouco? É. Mas é um dos meios possíveis.